



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM PSICOPEDAGOGIA
ESCOLAR – GEPPE**

IV CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR

**“O conhecimento psicopedagógico e suas interfaces:
compreendendo e atuando com as dificuldades de
aprendizagem”**



ANAIS DO EVENTO

ISSN: 2179-7978

09 A 12 DE NOVEMBRO DE 2015

Os conteúdos dos textos são de responsabilidade de seus autores

AVALIAÇÃO E INCLUSÃO EDUCACIONAL: PERSPECTIVAS SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Lelyane Silva e Luz
Universidade Federal de Uberlândia
lelyane.ped@hotmail.com

Arlete Aparecida Bertoldo Miranda
Universidade Federal de Uberlândia
arlete@ufu.br

RESUMO: Esse trabalho tem como objetivo compreender a prática pedagógica utilizada por professores referente à avaliação de alunos com deficiência intelectual. De modo específico, procuramos verificar quais procedimentos os professores utilizam para avaliar os alunos com deficiência intelectual em sala de aula. Buscando alcançar os objetivos propostos por esta pesquisa, a opção metodológica fundamenta-se em uma abordagem qualitativa. A metodologia de investigação será organizada a partir de dois focos investigativos: A realização da entrevista com professores e a observação participante em sala de aula, associada à escrita de notas de campo para compreender a prática pedagógica dos professores de alunos com deficiência intelectual no que se diz respeito à avaliação. A justificativa para a escolha deste conjunto de estratégias de investigação deve-se ao fato que a entrevista com professores e as observações no cenário escolar formarão um conjunto de informações importantes sobre o fenômeno a ser investigado. A presente pesquisa encontra-se em desenvolvimento numa escola situada na zona leste do município de Uberlândia. Configura-se uma pesquisa de Mestrado Acadêmico na Linha de Pesquisa Saberes e Práticas Educativas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Os resultados preliminares nos remetem à necessidade de refletir as práticas docentes e a inclusão dos alunos com deficiência intelectual, bem como os aspectos relacionados aos processos avaliativos desses alunos. É possível concebermos uma perspectiva de avaliação cuja vivência seja marcada pela lógica da inclusão.

Palavras- chave: Avaliação. Inclusão Educacional. Deficiência Intelectual.

Eixo temático: Aprendizagem e dificuldades de aprendizagem.

AVALIAÇÃO E INCLUSÃO EDUCACIONAL: PERSPECTIVAS SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Lelyane Silva e Luz
Universidade Federal de Uberlândia
lelyane.ped@hotmail.com

Arlete Aparecida Bertoldo Miranda
Universidade Federal de Uberlândia
arlete@ufu.br

Palavras- chave: Avaliação. Inclusão Educacional. Deficiência Intelectual.

Eixo temático: Aprendizagem e dificuldades de aprendizagem.

A literatura aponta a avaliação da aprendizagem como um assunto polêmico, intensamente estudado, sendo discutido por vários autores (VASCONCELLOS, 1998; LUCKESI, 2002; HOFFMANN, 2005), que defendem a necessidade de superar o viés classificatório das práticas avaliativas.

Uma mudança nas práticas avaliativas propicia transformações no contexto geral da escola, não sendo resultado apenas dos professores, mas, sim, de um trabalho conjunto, pois precisamos refletir sobre os projetos de educação como um todo, incluindo processos de avaliação mais ricos e participativos.

Em sua grande maioria, os professores concebem e praticam a avaliação da aprendizagem do seu método de escolarização. Isso implica processos classificatórios com uma valorização excessiva de provas, notas, aprovação ou recuperação, negando acontecimentos cotidianos no processo de ensino-aprendizagem. Vasconcellos (1998, p.79) nos revela que, se o professor

não sabe o que o aluno sabe, como pode interagir para construir?(...) Considerando que o conhecimento novo se dá a partir do prévio, há necessidade do aluno se expressar e do professor acompanhar essa expressão para poder com ela interagir, favorecendo sua elaboração em níveis mais abrangentes e complexos. A avaliação vai se incorporando no próprio trabalho de sala de aula, pois o melhor método de avaliação é o método de ensino.

A avaliação escolar vem sendo realizada de uma forma dissociada do processo ensino-aprendizagem, não sendo formativa, perdendo o seu sentido, que é o de acompanhar o desenvolvimento dos alunos no cotidiano das aulas. Segundo Estéban (2000, p 53):

avaliar o aluno deixa de significar fazer um julgamento sobre a aprendizagem do aluno, para servir como momento capaz de revelar o que o aluno já sabe, os caminhos que percorreu para alcançar o conhecimento demonstrado, seu processo de produção de conhecimentos, o que é potencialmente revelado em seu processo, suas possibilidades de avanços e suas necessidades para que a superação, sempre transitória, do não saber, possa ocorrer.

Expressar o resultado da aprendizagem pela classificação do educando, segundo Luckesi (2002), promove a verificação e não a avaliação da aprendizagem, aprovando-o ou reprovando-o, o que não contribui para a melhoria do ensino. Esteban (2000, p.8) nos revela que “o processo de avaliação de resultados escolares dos alunos e alunas está profundamente marcado pela necessidade de criação de uma nova cultura sobre avaliação, que ultrapasse limites da técnica e incorpore, em sua dinâmica, a dimensão ética”.

Os procedimentos avaliativos devem ser adequados aos objetivos e finalidades do ensino e da avaliação. É preciso estar claro que avaliar não é sinônimo de atribuir nota. Avaliar implica levantar dificuldades, colocando questionamentos para a reflexão do aluno, apontando caminhos. Por isso, o único sentido da avaliação é cuidar da aprendizagem.

Assim, a avaliação precisa estar a serviço da aprendizagem do aluno, sobretudo do aluno com deficiência intelectual. O processo de escolarização da criança com deficiência intelectual ainda causa “estranheza” nos ambientes escolares, pois o professor, diante de um aluno com deficiência, muitas vezes, não sabe conduzir, avaliar e superar as dificuldades encontradas no cotidiano escolar.

Ao tratar desse tipo de deficiência, Fierro (2004, p.208) destaca a importância do respeito e da educabilidade de todo ser humano: “deve-se insistir que toda pessoa, mesmo afetada por uma deficiência mental profunda, é capaz não apenas de aprender, mas de adquirir a educação propriamente dita”.

A deficiência intelectual constitui um impasse nas salas de aulas do ensino regular pela complexidade do seu conceito. O diagnóstico de deficiência intelectual não se esclarece por categorias e tipos de inteligência e, com isso, trouxe sérias consequências na maneira de lidarmos com ela e com quem a possui.

É preciso considerar que a inclusão de alunos com deficiência intelectual não pode ser um processo pelo qual os profissionais envolvidos queiram resultados a curto prazo, pois, requer mudanças de atitudes por parte de todos os que atuam direta ou indiretamente com esses alunos na escola.

Por isso, precisamos ter uma visão crítica do que está sendo exigido de cada aluno.

Embora os propósitos educacionais básicos para todos os alunos possam continuar sendo os mesmos, os objetivos específicos da aprendizagem curricular podem precisar ser individualizados para serem adequados às necessidades, às habilidades, aos interesses e às competências singulares de cada aluno.

Se o aprofundamento nesta temática fez crescer meu interesse pela questão, também aumentou minhas dúvidas e inquietações sobre o tipo de atendimento educacional que vem sendo oferecido, pelas escolas, às crianças com deficiência intelectual.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

O objetivo geral do projeto é compreender a prática educativa utilizada por professores, referente à avaliação do aluno com deficiência intelectual em sala de aula do ensino regular, analisando quais os critérios e estratégias que caracterizam o processo de avaliação utilizado para subsidiar o trabalho educativo e as decisões sobre o destino escolar do aluno com deficiência intelectual.

Objetivos Específicos

- Analisar e discutir as concepções teóricas sobre deficiência intelectual e avaliação que fundamentam a prática educativa dos professores que trabalham com alunos com deficiência intelectual;
- Discutir os principais aspectos relacionados à prática educativa apontados pelos professores no que se refere à avaliação dos alunos com deficiência intelectual;
- Caracterizar a rotina educativa da sala de aula do professor acerca da avaliação do aluno com deficiência intelectual;
- Identificar e analisar os procedimentos que os professores utilizam para avaliar o aluno com deficiência intelectual.

JUSTIFICATIVA

Na perspectiva inclusiva e no contexto político educacional, a avaliação dos alunos com deficiência intelectual é elemento fundamental para subsidiar sua aprendizagem e acompanhar o processo de escolarização desses alunos em classes comuns.

Os procedimentos avaliativos devem apresentar o desenvolvimento do aluno com deficiência intelectual, a forma como ele enfrenta determinadas situações de aprendizagem, pois conhecer o que o aluno é capaz de fazer permite a elaboração de estratégias de ensino próprias e adequadas a cada aluno em particular.

Não raro, a avaliação pode reduzir-se à busca de um diagnóstico que justifique a dificuldade de aprendizagem deste aluno. Via de regra, a avaliação é concebida com o objetivo de verificar se o estudante aprendeu ou não o conteúdo ensinado pelo professor. Tal concepção de avaliação se limita a medir competências e habilidades que um estudante exhibe ao final de um determinado período.

O processo de ensino aprendizagem é interativo. Com isso, a avaliação deve ser a mais abrangente possível, na qual se incluam professores, alunos e contexto escolar. O que dá sentido à avaliação é usá-la para decidir o que deve ser mantido e o que precisa ser reformulado.

É necessário identificar dificuldades da turma, de cada aluno em particular e de si mesmo, refletir a respeito delas e propor situações de aprendizagem para que elas sejam superadas. Uma avaliação que considere as produções realizadas pelos alunos e as observações a respeito de cada aluno e da classe em um todo; comentários sobre atividades que deram bons resultados e sobre outras menos produtivas; é uma avaliação que reconheça que o processo de ensino é interativo, significa a real possibilidade de reorientá-lo.

O acesso à educação para as pessoas com deficiência, foi sendo lentamente construído, à medida que se ampliavam as oportunidades educacionais. A educação tem um importante papel a desempenhar perante os alunos com deficiência intelectual, e a avaliação educacional é parte fundamental desse processo, traçando as necessidades e possibilidades desses alunos. No contexto político-educacional, a avaliação dos alunos com deficiência intelectual é elemento fundamental para subsidiar sua aprendizagem e assessorar o acompanhamento da escolarização desses alunos nas classes comuns, através da oferta dos recursos necessários para viabilizar o seu sucesso educacional.

Levando em conta a atual situação do atendimento escolar oferecido ao aluno com deficiência intelectual, torna-se urgente o desenvolvimento de pesquisas e estudos que nos

tragam informações sobre os diversos aspectos implicados nesse atendimento e quais instrumentos norteiam o trabalho do professor ao avaliar o aluno com deficiência intelectual.

Discutir sobre avaliação da aprendizagem evidencia a necessidade de reflexão sobre formas alternativas de avaliar e conhecer o aluno, principalmente quando se refere ao aluno com deficiência intelectual.

Nesse sentido, é necessário investigar sob que bases teórico-metodológicas fundamentam a prática pedagógica de professores que trabalham com alunos com deficiência intelectual; qual a sua rotina educativa na sala de aula acerca da avaliação dos alunos com deficiência intelectual; quais os procedimentos que a professora utiliza para avaliar os alunos com deficiência intelectual.

A realização deste trabalho justifica-se, pois a intenção de realizá-lo parte da crença de que indivíduo com deficiência intelectual tem o mesmo direito, como qualquer outra pessoa não deficiente de atuar em seu contexto de forma participativa e produtiva, sendo valorizado em suas habilidades, auxiliado em suas dificuldades e respeitado em suas limitações.

METODOLOGIA

Buscando alcançar os objetivos propostos por esta pesquisa, a opção metodológica adotada para o seu desenvolvimento será de acordo com os princípios de uma abordagem qualitativa e de orientação etnográfica.

O estudo do cotidiano escolar envolve troca de relações entre os sujeitos, crenças e valores que aparecem nas ações e interações, nas rotinas e nas relações sociais (ANDRÉ, 1995). Percebendo o movimento que configura esta dinâmica de trocas, pode-se visualizar como a escola participa do processo de socialização de sujeitos.

Na perspectiva da pesquisa qualitativa, André (1995) considera como um novo paradigma de pesquisa em que não estão envolvidas manipulações de variáveis e nem tratamento experimental: implica um estudo dos fenômenos em seu acontecer natural. O qualitativo também está associado com a produção de uma visão holística dos fenômenos estudados, ou seja, a pretensão dos estudos qualitativos é levar em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas; por isso mesmo, junta-se à epistemologia qualitativa uma orientação etnográfica, que preconiza um plano de trabalho que pode ser constantemente refeito e completado.

A metodologia de investigação da pesquisa a ser realizada foi organizada a partir de dois focos investigativos: A realização da entrevista com a professora e a observação

participante em sala de aula, associada à escrita de notas de campo para compreender a prática educativa da professora de alunos com deficiência intelectual no que se diz respeito às práticas avaliativas.

A observação participante é um instrumento importante para o pesquisador por que possui um caráter dialógico e interativo, também por permitir um encontro direto com os sujeitos, revelando, assim, uma diversidade de fenômenos e culturas no cotidiano escolar (ANDRÉ, 1995). As observações participantes em campo proporcionam ao pesquisador uma gama variada de informações (LUDKE e ANDRÉ, 1986), pois abrangem informações do próprio pesquisador, oriundas de sua vivência em campo.

A produção de notas de campo permite registrar e descrever os acontecimentos vividos; favorecem também a produção de ideias e reflexões pelo pesquisador no decorrer do trabalho (BOGDAN e BIKLEN, 1994)

O modelo da entrevista será semiestruturado, o qual, segundo Ludke e André (1986), desenvolve-se a partir de um esquema básico, porém flexível, pois permite que o entrevistador faça as necessárias adaptações. Para as autoras, o ato de pesquisar subentende “promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele” (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 1).

A entrevista na pesquisa qualitativa é um momento privilegiado que abrange os agentes da pesquisa, favorecendo a reflexão e o diálogo, assim como o conhecimento da realidade pesquisada e a interação social entre os envolvidos.

As observações em campo proporcionam ao pesquisador uma gama variada de informações (LUDKE e ANDRÉ, 1986), pois abrangem informações do próprio pesquisador, oriundas de sua vivência de campo.

Para conduzir a análise dos dados, alguns estudos de LUDKE e ANDRÉ (1986, p.45) trazem contribuições no sentido de destacar, na pesquisa qualitativa, a importância de:

trabalhar todo material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições de entrevista, as análises dos documentos e as demais informações possíveis. A tarefa de análise implica, num primeiro momento, a organização de todo material, dividindo-os em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes.

Nessa perspectiva, Bogdan e Biklen (1994, p.205) asseguram que nas análises de

dados de uma pesquisa, é pertinente um processo de “busca e de organização sistemático de transcrição de entrevistas, e de outros materiais que foram sendo acumulado.” É quando se organizam os dados acumulados durante a pesquisa de campo, para partir para a análise especificamente desses dados.

RESULTADOS PRELIMINARES

Foram realizadas seis observações até o momento em uma sala do 3º ano do ensino fundamental, numa escola municipal do município de Uberlândia situada na zona leste. O aluno com deficiência intelectual possui 14 anos. Os resultados preliminares nos remetem à necessidade de refletir a prática docente e a inclusão do aluno com deficiência intelectual, bem como os aspectos relacionados aos processos avaliativos.

Os processos avaliativos devem acontecer em todos os momentos do cotidiano escolar em sala de aula. Hoffmann (2005, p. 21) acredita que observar o processo de aprendizagem é “conhecer para justificar o “não-sido” ou compreender para promover oportunidades”. Assim,

Entender e realizar uma prática avaliativa ao longo do processo é pautar o planejamento dessa avaliação, bem como construir seus instrumentos partindo das interações que vão construindo no interior da sala de aula com os estudantes e suas possibilidades de entendimentos dos conteúdos que estão sendo trabalhados (FERNANDES; FREITAS, 2007, p. 21).

A grande frequência de atividades de cópia resultava na não participação do aluno com deficiência intelectual nas tarefas, uma vez que ele não consegue ler e escrever todas as palavras, perdendo, assim, a motivação, fechando o caderno, observando os colegas.

É possível concebermos uma perspectiva de avaliação cuja vivência seja marcada pela lógica da inclusão, diferente da perspectiva encontrada até o momento no contexto escolar. Assim sendo, o modelo de prática educativa predominante no contexto escolar necessita de novas estratégias, procedimentos, e diferentes metodologias, para o processo de escolarização do aluno com deficiência intelectual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Referente às práticas avaliativas, a avaliação formativa torna-se elemento importante na prática da professora acompanhando o desenvolvimento cotidiano do aluno com deficiência intelectual, uma vez que “o professor está atento aos processos e as aprendizagens de seus

estudantes. O professor não avalia com o propósito de dar uma nota, pois dentro de uma lógica formativa, a nota é uma decorrência do processo e não o seu último fim” (FERNANDES; FREITAS, 2007, p. 19).

Segundo Luckesi (2002), a avaliação com perspectiva classificatória não auxilia em nada o avanço e o desenvolvimento do aluno. Segundo o autor, a avaliação com função formativa constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação e do crescimento da autonomia. Se um aluno não se sai bem em um exercício, o papel da avaliação formativa seria de, a partir de seus erros, tomar uma atitude modificando a situação verificada. No entanto, o que mais presenciamos nas escolas é “uma corrida contra o tempo para encerrar com os conteúdos em sala durante o ano letivo”.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M.E.D.A. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

BOGDAN, C. R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

ESTEBAN, M. T. A avaliação no cotidiano escolar. In: ESTEBAN, M.T. (Org.) **Avaliação uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira. FREITAS, Luiz Carlos de. **Indagações sobre Currículo: Currículo e avaliação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

FIERRO, A. Os alunos com deficiência mental. In: COOL, C; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. (org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**, Cortez, 14 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

VASCONCELLOS, C. S. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança por uma práxis transformadora**. São Paulo: Libertad, 1998.